

## O fio que sustém o mundo

Vejo meias, meias e mais meias,  
Talvez uma camisa já gasta,  
Um lençol que conheceu noites e outros corpos,  
Pendurados num fio que atravessa o quintal,  
Tremendo não por vontade própria,  
Mas porque o vento sopra, e as coisas,  
As coisas cumprem o destino imposto,  
Sem queixume, sem escolha,  
Porque escolher é privilégio de quem respira.

A vizinha estende as peças com cuidado,  
Como se o movimento já tivesse sido ensaiado,  
Porque há na mão que estende, que prende,  
Um jeito de quem sabe que a roupa molhada  
Não é só roupa, é também o tempo,  
O dia que passou, as horas gastas,  
A água que tudo lava, menos o que importa.

O sol desce, claro que desce,  
Porque não conhece outro rumo.  
E ao beijar os tecidos que vagarosamente repousam,  
Tudo parece mais verdadeiro.  
O azul da camisa aprofunda-se,  
Como se ali encontrasse o seu propósito,  
E as meias, pequenas e tímidas,  
Erguem-se como bandeiras de um país sem nome,  
Onde as coisas não pesam,  
Onde o ferro de engomar não foi inventado,  
Onde a luz não se transforma em sombra,  
Mas fica suspensa, por instantes.

Ninguém repara porque é coisa pequena,  
Mas é ali, no fio que balança,  
Na camisa que ainda traz o cheiro do corpo,  
No lençol que guarda leves sussurros ao ouvido,  
Nas meias que calam os passos da casa,  
Que o mundo tem morada.

E a vizinha, antes que a chuva chegue,  
Porque a chuva nunca perdoa,  
Recolhe o que pendurou  
E leva consigo o dia inteiro,  
Dobrado, guardado,  
Pronto para ser esquecido  
Até que volte a ser outra vez usado.

Ricardo de Sá Moya